

## O cangaço no cinema brasileiro: caso do filme *O último cangaceiro*

Autoras: Amanda Ialamov<sup>1</sup>, Belisa Figueiró<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Centro Universitário Barão de Mauá

<sup>1</sup>[amanda.ialamov@gmail.com](mailto:amanda.ialamov@gmail.com) – Produção Audiovisual

<sup>2</sup>[belisa.figueiro@baraodemaua.br](mailto:belisa.figueiro@baraodemaua.br)

### Resumo

O cangaço é um dos gêneros cinematográficos mais antigos do cinema brasileiro. Neste estudo, examinamos o histórico das principais produções por meio de uma revisão bibliográfica e também apresentamos um estudo de caso do filme *O último cangaceiro* (Carlos Mergulhão, 1971) a partir da pesquisa documental realizada no MIS-RP.

### Introdução

O cangaço foi um movimento violento de contravenção ocorrido no país, essencialmente no Nordeste, e teve seu auge entre os anos de 1870 e 1940. Por um ângulo histórico-cultural de análise, também não demorou muito para que ele fosse explorado pelo cinema brasileiro, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960. Em 1953, Lima Barreto realizou *O cangaceiro*, filme que “inaugura o ciclo e delinea os principais traços que ficarão caracterizando o cangaceiro no cinema comercial” (BERNARDET, 1977, p. 46).

Dentre as obras que fazem parte desse gênero cinematográfico em destaque, abordarei o filme *O último cangaceiro* (Carlos Mergulhão, 1971), um filme que se encaixa nesse período de muitas produções a respeito desse tema.

A partir dos resultados encontrados na pesquisa exploratória realizada no Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto (MIS-RP) e das análises feitas ao longo deste trabalho, desenvolveu-se um estudo sobre o cangaço no cinema brasileiro tendo como caso específico o filme *O último cangaceiro*. Nesse sentido, um dos objetivos foi examinar as suas diferentes fases, influências, características e tudo o que envolve esse gênero para a cultura cinematográfica brasileira, da sua origem até a atualidade.

A metodologia científica deste projeto é embasada na pesquisa histórica, a qual consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje. São utilizadas duas técnicas principais: revisão bibliográfica e pesquisa documental.

A pesquisa documental consiste na coleta, classificação, seleção difusa e utilização de toda espécie de informações, com o objetivo de obter mais dados, a partir do material primário encontrado no MIS-RP. Foi analisado inicialmente todo material disposto no MIS-RP relacionado ao cinema, como fotos, documentos, reportagens, materiais de divulgação, livros, VHS, DVD e todo o tipo de material ligado à área. A partir dessa análise, eu escolhi trabalhar com o material do filme *O último cangaceiro*, devido a importância desses documentos históricos e originais, que possivelmente podem ser encontrados somente no MIS-RP, documentos esses que indicam a época de produção da obra, que contém informações sobre o diretor e a produtora responsáveis, entre outros dados que foram fundamentais para iniciar a pesquisa exploratória. Para contextualizar a obra à época, foi necessária uma revisão bibliográfica sobre o que representou o movimento do cangaço no Brasil, como esse tema se insere no meio cinematográfico, os principais expoentes do gênero, qual era o cenário cinematográfico da época, tudo para entender a produção do filme e o lugar que ele ocupa na história do cinema brasileiro.

### O cangaço no cinema

As histórias do movimento de cangaceiros chamaram a atenção de cineastas, não somente da região Nordeste, mas também da região Sudeste do país, que passaram a explorar essa temática dentro de suas narrativas. Os primeiros filmes foram realizados a partir da década de 1920, ainda na fase do cinema mudo. Nos anos 1950, o cangaço se consolidou como gênero, o chamado *Nordestern*, neologismo criado por Salvyano Cavalcanti de Paiva para caracterizar os filmes brasileiros que tiveram uma forte influência do *western*, filmes de faroeste norte-americano, que tinham como figuras centrais da narrativa o *cowboy*. Histórias como a de Lampião e Maria Bonita ou de Corisco e Dadá, eram as grandes fontes de inspiração para essas narrativas que, na sua maioria, tinham uma estrutura dramática recorrente.

### Expoentes do cangaço no cinema brasileiro

Segundo Marcelo Dídimo Vieira (2007, p. 30), a primeira aparição que se tem notícia de um cangaceiro nas telas de cinema foi em junho de 1917, no Teatro Moderno, em Recife. Foi exibido um filme com imagens de um jogo de futebol e da Casa de Detenção, onde se encontrava preso o conhecido cangaceiro Antônio Silvino.

Antes de realizar seus filmes que abordassem o cangaço diretamente, o cineasta Glauber Rocha também fez uma análise sobre a produção cinematográfica da primeira metade do século XX, comparando inclusive com a presença dos cangaceiros na literatura brasileira.

“É verdadeiramente inexplicável o fato do cinema brasileiro chegar à temática do cangaço apenas em 1953, quando a literatura, através de autores como Franklin Távora ou José Lins do Rego, já formara um ciclo: o cangaceiro, personagem indispensável no romanceiro popular do Nordeste, passara ao romance nordestino com todo seu complexo místico e anárquico. Benjamin Abrahão foi um mascate árabe que esteve no bando de Lampião e filmou muitas cenas de cangaço” (ROCHA, 1963, p. 91).

### **Benjamin Abrahão e *O rei do cangaço***

Em 1936, *Lampião, O rei do cangaço*, de Benjamin Abrahão, jornalista da caatinga na época, se destaca como o maior filme desse período e um dos grandes do gênero como um todo, pois é o único registro em movimento de Virgulino Ferreira da Silva (vulgo Lampião) e seu bando de cangaceiros, um registro de fundamental importância para o cinema brasileiro e inigualável como documento histórico.

O libanês Abrahão vem para o Brasil em 1915, trabalha como mascate no Nordeste, inicialmente Recife e, depois, em Juazeiro do Norte, onde fez mais sucesso, até que conheceu a maior figura da cidade: o Padre Cícero Romão. Ele começa então a trabalhar como secretário pessoal do padre e devido à importância de “Padim Ciço”. Em 1926, Abrahão conhece Lampião decorrente de uma visita dele feita ao padre. Quando o sacerdote falece, entra em contato com Lampião e o convence da importância de registrar a sua figura e o seu bando e assim criar um acervo de imagens (MELLO, 2012).

Com o consentimento de Virgulino, Abrahão consegue fotografias icônicas do bando e imagens em movimento que deram material para *Lampião, o rei do cangaço*. Trata-se de um documentário curto, de aproximadamente 15 minutos, com imagens reais de Lampião e seu bando em um período um pouco mais pacato na vida dos cangaceiros, feitas de forma bem simples, em razão da inexperiência de Abrahão com o aparato cinematográfico, com imagens tremidas, fora de enquadramento e sem foco muitas vezes, mas

independente disso, de muita relevância (MELLO, 2012).

### **Lima Barreto e *O cangaceiro***

A obra *O cangaceiro* (Lima Barreto, 1953), marco do estúdio paulista Vera Cruz, foi a primeira a dar grande visibilidade ao gênero, pois até então essa temática não tinha conquistado seu espaço no cinema brasileiro. Foi o primeiro filme brasileiro a conquistar prestígio internacional. A obra ganhou o prêmio de Melhor Filme de Aventura no Festival de Cannes 1953, e a sua música tema *Mulher rendeira* recebeu uma menção honrosa. Depois do evento, a canção inclusive foi gravada em vários idiomas.

Este filme contou com pré-produção de quatro meses, e sua filmagem durou aproximadamente nove meses. Filmado uma parte em estúdio, outra parte em locação, na cidade de Várzea Grande, interior de São Paulo.

O filme tinha como proposta ser um sucesso, uma obra que se aproximasse de uma grande produção hollywoodiana ou até mesmo europeia, então a narrativa e todos os artifícios estéticos foram pensados para isso. Com uma narrativa envolvente, apoiada num gênero norte-americano consagrado, o *western*, e uma trilha sonora cativante, o filme conquistou o público e foi exibido em mais de 80 países.

Mas o filme e o diretor Barreto sofreram duras críticas, principalmente pelos expoentes do Cinema Novo, que surgia em contraposição ao que vinha sendo feito. Os principais ataques eram de Glauber Rocha, líder do grupo. A crítica de Glauber para *O cangaceiro* era, principalmente, que a obra reforçava o estereótipo da mitologia criada sobre o cangaço, como algo de pura violência gratuita e de maldade, sem levar em consideração o cerne desse movimento, seus motivos, suas condições na época. Glauber diz:

“Sem ter entendido o romance do cangaço e sem ter interpretado o sentido dos romances populares nordestinos, Lima Barreto criou um drama de aventuras convencional e psicologicamente primário, ilustrado pelas místicas figuras de chapéu de couro, estrelas de prata e crueldade cósmicas. O cangaço, como fenômeno de rebeldia mística-anárquica surgido do sistema latifundiário nordestino, agravado pelas secas, não era situado. Uma estória do tempo que havia cangaceiros, uma fábula romântica de exaltação à terra” (ROCHA, 1963, p. 91).

Barreto está inserido no contexto da Vera Cruz, que tem suas produções e interesses vinculados à burguesa industrial paulista, e Glauber Rocha está vinculado ao movimento do Cinema Novo, e preocupa-se com os questionamentos sociais e políticos no cinema autoral, que assim como Barreto utiliza o tema do cangaço, porém de uma maneira mais questionadora e, por conseguinte,

constrói obras que, para além de mera exibição, carregam um caráter de conscientização para o espectador sobre a realidade brasileira.

Sendo assim, pode-se afirmar que os filmes desses dois diretores abordam o cangaço de uma maneira diferente, porque estão em contextos diferentes, em tempos diferentes da história do cinema brasileiro.

### **Glauber: Sucesso internacional pelo Cinema Novo**

Depois de analisar as produções que vinham sendo feitas sobre o cangaço, principalmente o filme de Barreto, que foi o mais representativo, e reprová-los, como ele deixa claro em seu livro *Revisão crítica do cinema brasileiro* (1963), Glauber decidiu então construir uma narrativa e criar obras que, em sua opinião, eram como o cangaço deveria ser representado.

Glauber Rocha se destaca com duas grandes produções: *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969).

Glauber então busca se distanciar do que vinha sendo feito. Seus filmes abordam o tema por um viés mais revolucionário e introduz em sua narrativa contextos simbólicos. Os filmes ainda trazem aspectos relacionados ao *western*, porém a estrutura narrativa e o contexto ideológico, algo que ainda não havia aparecido nos filmes caracterizados como *Nordestern*, os diferencia do estilo.

De acordo com os estudos de Marcelo Dídimo Vieira:

“Glauber Rocha faz uma nova leitura do movimento histórico do cangaço, em que a figura do cangaceiro não é o ponto central, mas um elemento a mais na situação social nordestina, que ainda engloba fanáticos religiosos, sertanejos e coronéis. O contexto histórico também é renovado, pois as situações dramáticas de perseguição, cômicas e românticas, são substituídas por tragédias e conflitos, em que o banditismo e o fanatismo estão fortemente presentes, representados por Corisco, pelo Santo Sebastião e por Antônio das Mortes. Essas pessoas vivem um drama social causado principalmente pela seca e procuram de alguma forma uma saída para sua sobrevivência” (VIEIRA, 2007, p. 309).

*Deus e o diabo na terra do sol* é considerado por muitos críticos o filme mais importante do cangaço e da história cinematográfica brasileira. O longa-metragem aborda o fanatismo religioso como sendo um refúgio para o sertanejo revoltado e o banditismo como sendo o braço armado dessa revolta. O filme está concentrado na discussão de processos e lutas que tiveram efetivamente lugar na história do Nordeste, mas ele não se preocupa com a retratação fiel da aparência e nem com a reconstituição precisa da evolução dos fatos que

aconteceram no passado. Seus personagens representam, cada um da sua forma, pequenos grupos sociais que sobrevivem numa cultura nordestina pautada pela seca, pelo latifúndio e pelas injustiças sociais.

Com *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, Glauber Rocha conquista o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes.

A estética de Glauber, na opinião de Ismail Xavier, “traz novamente a teatralização, o plano-sequência, a câmera na mão, a fala solene, as longas sequências de reflexão em que os personagens mergulham na imobilidade e as tensões deságuam na discussão sobre o poder, o mito e a história” (XAVIER, 1993, p. 162).

É um longa-metragem que aborda as contradições, o choque da cultura e o folclore sertanejo. O personagem Antônio das Mortes, que teve sua aparição no *Deus e o diabo na terra do sol*, reaparece nesse filme para cumprir sua tarefa de matador de cangaceiro, sendo assim uma ligação entre os dois filmes, além da temática.

Nas palavras da pesquisadora Sylvania Nemer, “muito mais do que uma continuação de *Deus e o diabo*, *O dragão da maldade*, feito em meio aos movimentos de contracultura, é um filme que problematiza o ato de representação estabelecendo um diálogo com outras instâncias cinematográficas, em particular com o *western*” (NEMER, 2006, p. 223).

Com essas duas grandes obras, Glauber deixa sua contribuição para o cinema brasileiro e para o gênero do cangaço, que assim como seu próprio movimento de luta social, é representado de forma crítica e até informativa, se preocupando em abordar não só a estética e o estereótipo, mas as problemáticas que o cercavam, como a seca, a fome, a religiosidade e valorizando uma narrativa e uma estética que seja próxima da realidade do nordeste e do movimento do cangaço.

### **Estudo de caso: O último cangaceiro**

*O último cangaceiro* é um longa-metragem concebido e dirigido por Carlos Mergulhão, que ao longo do processo foi se ausentando do projeto, e seu irmão, Cleto Mergulhão, é quem assume a função de diretor quando a obra já estava em andamento. O filme traz a temática do cangaço produzido na cidade de Belo Jardim, localizada a 180 km de Recife, capital do estado de Pernambuco. Uma jornada de sonhos e amorismo que chega a ser concluída pelos irmãos Mergulhão.

Pode-se encontrar a sinopse oficial na Filmografia Brasileira da Cinemateca Brasileira:

“Grupos de cangaceiros, chefiados pelo Capitão Silvino, seu lugar-tenente Cabo Temeroso e Corisco, percorrem diversas localidades do interior pernambucano, praticando toda sorte de

atrocidades. Terminam matando o Coronel Firmino e o Delegado do Destacamento de Ceremoabe. Várias volantes perseguem os cabras, sem resultados positivos, o que causa séria apreensão na Polícia Estadual, que reúne uma tropa de 70 homens, fortemente armados, sob o comando do Major Bandeira. Após uma longa perseguição, a brigada localiza os cangaceiros, travando-se violenta batalha. Silvino e seus ‘cabras’ morrem na luta” (CINEMATECA BRASILEIRA).

### O início do projeto

O filme encontra-se neste momento indisponível em todos os seus formatos, portanto não tive acesso ao conteúdo da obra. Devido a isso, parte da análise foi baseada em um estudo realizado pelo pesquisador Adones Ferreira. No MIS-RP, existe uma cópia em película do filme, porém ela carece de uma restauração, assim como também existe uma cópia na Cinemateca Brasileira que, de acordo com uma matéria publicada em 2013, no site do então Ministério da Cultura, havia um projeto de restauração e preservação de películas que se encontravam em estado avançado de deterioração e com risco de perdas irreversíveis. Dessa forma, contando com recursos da Secretaria do Audiovisual e patrocínio da Petrobras, a Cinemateca Brasileira fez um planejamento emergencial de duplicação dos originais afetados para gerar matrizes de preservação, e a obra *O último cangaceiro* estava na lista. Porém, como atualmente a Cinemateca Brasileira encontra-se fechada, não foi possível confirmar a informação e se esse restauro já foi realizado.

Segundo o pesquisador Ferreira, após uma viagem ao Rio de Janeiro em 1961, Carlos Mergulhão retornou à sua cidade natal com uma ideia para rodar um filme por lá. Belo Jardim não oferecia recursos como equipamentos, atores profissionais e nem técnicos cinematográficos. Sendo assim, a produção acabou exigindo uma quantia financeira bastante alta para os padrões da época.

A família Mergulhão possuía algumas propriedades na zona rural, além de pequenas empresas no ramo gráfico. Carlos convence então a família a investir no filme e, no mesmo ano de 1961, o projeto começa a ser colocado em prática (FERREIRA, 2012).

A cidade de Belo Jardim era um cenário ideal para as filmagens. A paisagem agreste possuía cactos e árvores frondosas, cachoeiras que também foram usadas, e a aridez da zona rural da cidade lembrava o velho oeste dos Estados Unidos, região que serviu de cenário para os clássicos filmes de *westerns*.

De acordo com o Ferreira (2012, p. 34), é possível considerar que o tema escolhido por Carlos reflete aquilo que ocorria no Brasil. O Nordeste era conhecido como um cenário exótico e foi escolhido por vários diretores abordando o tema do cangaço, a exemplo dos filmes: *Cangaceiros de Lampião* (1967), *Cangaceiro sem Deus* (1969), *O cangaceiro sanguinário* (1969), *Pedro Bó, O caçador de cangaceiro* (1976), *Cangaceiros do Vale da Morte* (1978).

### Produção e documentação

Segundo Ferreira (2012), sobre a produção deste filme, ela teria sido dividida em duas etapas bem distintas. A primeira caracteriza-se pelo empenho de Carlos e do investimento que foi feito para fazer do filme uma produção significativa. A segunda etapa caracteriza-se “pela maneira franciscana” de fazer filmes, é neste período que para completar as filmagens são utilizados atores da própria cidade, gente que nunca teve contato sequer com o teatro.

“Pessoas comuns trabalharam exaustivamente para ver seus rostos na tela do cinema. Com um texto que beira o improvisado e cenas de tiros sem sangue, o filme tinha neste momento a figura de Cleto o grande impulsionador para sua conclusão” (FERREIRA, 2012, p. 34).

No levantamento realizado no MIS-RP por esta pesquisadora, foram encontrados nesse acervo documentos inéditos como:

- **Certificado de exibição:** expedido em 25 de novembro de 1970, pelo Instituto Nacional de Cinema (INC)<sup>1</sup>, um documento de emissão de registro do produto audiovisual necessário antes da exibição do filme;
- **Registro oficial do produtor Carlos Mergulhão:** expedido em 28 de agosto de 1970, pelo INC. Verifica-se a sua importância pelo fato de que o filme foi produzido justamente no período de transição do INC para Embrafilme<sup>2</sup>, visto que também foi encontrada

<sup>1</sup> O INC foi instituído durante o Regime Militar, pelo Decreto-Lei número 43, de 18 de Novembro de 1966, mas a sua criação já era discutida há quase 20 anos. Em 1952, um grupo de trabalho instituído pelo presidente Getúlio Vargas e formado por Vinícius de Moraes, Décio Vieira Ottoni e outros intelectuais brasileiros sugeriu que estas funções fossem desempenhadas por um órgão que viria a

se chamar Instituto Nacional de Cinema. A proposta, redigida pelo cineasta Alberto Cavalcanti, transformou-se em novo projeto de lei, que em 1957 incorporou o de Jorge Amado (SIMIS, 2015).

<sup>2</sup> A Embrafilme ou Empresa Brasileira de Filmes S.A. foi uma empresa de economia mista estatal brasileira produtora e distribuidora

uma correspondência entre o diretor e a empresa. Ambas as instituições foram criadas com a tentativa de regulamentar, fomentar, proteger e promover o cinema brasileiro (SIMIS, 2015);

- **Correspondência da Embrafilme para o produtor e diretor Carlos Mergulhão;**
- **Certidão do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Ministério da Justiça** liberando o filme para maiores de 14 anos. Este documento mostra que o filme fora liberado para exibição com tal classificação indicativa. Essa indicação ocorre até hoje pelo Ministério da Justiça, o qual é responsável por analisar as obras e verificar para qual público ele poderá ser liberado, analisando aspectos essencialmente de violência, drogas e sexo. É importante lembrar que o filme foi realizado no auge da ditadura militar, quando havia uma forte censura à cultura e ao cinema brasileiro.
- **Cartão de visitas do produtor e diretor Carlos Mergulhão;**
- **Certificado de Direitos Autorais** do roteiro do filme *O último cangaceiro* expedido em 2 de maio de 1967, pela Biblioteca Nacional. Esse registro é importante para proteger e assegurar os direitos do criador sobre sua obra. Até hoje, todas as obras precisam ter esse registro.
- **Fotos de bastidores e locações:** foram encontrados aproximadamente 60 stills do filme, sendo a maioria imagens de cenas do longa. Pode-se inclusive fazer uma análise através dessas imagens do nível de amadorismo dos figurantes e da equipe, que, por exemplo, ao se depararem com uma cena em que um personagem é morto, os figurantes que estão presentes na cena não reagem de acordo com a ação.
- **Alguns materiais de lançamento:** cartaz original de divulgação do filme, produzido a partir de uma cena, realizado em ilustração.

Na pesquisa exploratória realizada no MIS-RP, também foi possível encontrar uma reportagem no jornal *Diário de Pernambuco*, de 12 de abril de 1978, que detalha alguns aspectos da repercussão do filme. Na ocasião, Cleto Mergulhão concedeu uma entrevista ao jornal e disse que ele fez o papel de Lampião e que a fita teria sido exibida em todo país “com muita dificuldade, pois era em preto e branco, no auge dos filmes coloridos nacionais”. No entanto, ele destaca que o filme teria recebido um “tratamento afetivo/regular da crítica especializada. Não chegou a balançar os alicerces

---

de filmes cinematográficos. Foi criada através do decreto-lei Nº 862, de 12 de setembro de 1969, como Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima e vinculada ao então Ministério da Educação e Cultura e como

da opinião pública, tampouco desagradou a quem assistiu” (MERGULHÃO, 1978).

A reportagem da época mostra também que houve censura ao filme, um corte bastante significativo de uma cena específica. Cleto conta que “a censura retalhou-lhe a história, fazendo desaparecer toda a cena em que a polícia eliminava os seguidores do bando feroz de Lampião” deixando assim a história incompleta. (MERGULHÃO, 1978).

A própria irmã de Carlos e Cleto Mergulhão, Sônia, em uma entrevista concedida a Ferreira (2012, p. 36), diz que “em 1971 a sala de exibição do Cine Theatro Brasília ficou lotada, com um público de aproximadamente 2.000 pessoas que se amontoaram entre poltronas e tamboretes para ver a lançamento de *O último cangaceiro*. Na ocasião, Cleto Mergulhão foi homenageado”.

## Conclusão

*O último cangaceiro* tem grande relevância na cinematografia brasileira, pois faz parte de um conjunto de filmes realizados nas décadas de 1960 e 1970 de um gênero em ascensão e muito aceito pelo público no geral.

O filme ainda ganha mais importância por ter sido feito de forma independente, sem recursos estatais, e contou com a ajuda de uma construção coletiva da população, feito pelas pessoas da cidade de Belo Jardim, pessoas essas sem formação em cinema e sem conhecimento, mas que mesmo assim não deixaram de fazê-lo.

O mais brasileiro dos gêneros fílmicos, o cangaço, foi retratado de várias maneiras dentro do cinema nacional, desde dramas, aventuras, comédias a documentários. Acredito que abordar o tema do cangaço sem um viés crítico seja difícil, pois não se apaga da história a origem do movimento e não se desassocia a própria figura de um cangaceiro da figura de uma pessoa que buscava, por meio da violência e da contravenção, condições melhores para sobreviver.

Os primeiros filmes que abordaram o cangaço tinham muito como diretriz mostrar o quão exótico era o nordeste brasileiro e o movimento tinha certa semelhança com as histórias de *western* norte-americanas que eram reproduzidas aqui pelo grande sucesso do gênero e foram abraçados pela crítica, como é o caso de *O cangaceiro*, de Lima Barreto, que é considerado o pioneiro do gênero. Um filme de ficção e aventuras, que com suas belas cenas conquistaram o público e até prêmio internacional.

braço do Instituto Nacional do Cinema (INC). Enquanto existiu, sua função foi fomentar a produção e distribuição de filmes brasileiros (AMANCIO, 2011).

Com o Cinema Novo, um movimento que propunha um estilo de engajamento político e de denúncia social por meio dos filmes, o cangaço ganhou nova forma nas telas e se diferenciou dos faroestes estadunidenses. O diretor Glauber Rocha foi destaque nessa inovação com seu clássico *Deus e o diabo na terra do sol* e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*.

Ainda hoje, o gênero é muito abordado no cinema brasileiro, algumas obras que se destacam são: *Baile perfumado* (Lírio Ferreira, Paulo Caldas, 1997), *Corisco & Dadá* (Rosemberg Cariry, 1996), *Entre irmãos* (Breno Silveira, 2017), *Os últimos cangaceiros* (Wolney Oliveira, 2011), entre outros filmes de diferentes estilos e diferentes formas de abordar esse tema tão brasileiro quanto é o cangaço.

## Referências

AMANCIO, Tunico. **Artes e manhas da Embrafilme**: Cinema estatal brasileiro em sua época de ouro (1977-1981). Niterói: EdUFF, 2011.

CINEMATECA Brasileira. **Filmografia**. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=018285&format=detailed.pft>

BELO, Reinaldo. Quem tem coragem de fazer cinema em Pernambuco? **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 abril. 1978.

FERREIRA, Adones Valença. **O cinema em meu jardim**: Cines e produção cinematográfica em Belo Jardim dos anos 60 a 80. 2012. 52 f. Monografia – Curso de História da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim – FABEJA, Belo Jardim.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A girafa editora, 2004.

NEMER, Sylvia. Glauber Rocha e as imagens do sertão. **Contracampo** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/amand/Downloads/17442-Texto%20do%20Artigo-65224-1-10-20180913.pdf>. Acesso em: 02.mar.2021.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. Rio de Janeiro, Alhambra/Embrafilme, 1981.

ROCHA, Glauber. **Revisão Crítica do Cinema Brasileiro**. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

SIMIS, Anita. **Estado e cinema no Brasil**. São Paulo, Editora Unesp, 2015.

VIEIRA, Marcelo Didimo Souza. **O Cangaço no cinema Brasileiro**. 2007. 423p. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do subdesenvolvimento**: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal, São Paulo, Editora Brasiliense, 1993, p. 162.